

MASSALA

Renato Tapado (caracteres normais) e Jayro Schmidt (caracteres itálicos)

Há, nas coisas que me cercam, uma marca inexorável de um limite disposto a não ceder. Essa pele tensa, contraída num tempo de um grito, é tão próxima quanto inacessível — um gato, uma folha seca caindo num abismo. E todos os objetos e porções da paisagem, e cenários da cidade, e pessoas, me parecem tentados a uma provocação sem fim: sempre no começo e sem objetivo, no campo inenarrável de um desejo e sua dobra esquiva. É sempre cedo ou tarde demais (às três da tarde ou às onze da noite) em qualquer lugar onde eu possa lembrar insistentemente — cruelmente — a fortaleza desses dias. Eu não desisto: o poeta trabalha na pedra, e o que sai de seu corpo — farpas, cruezas, toques líricos — quase não encontra regaço, como a andorinha que não consegue pousar no espinhoso da planta ou o mar que, sempre em movimento, permanece imóvel. Então, caminho.

Em desvios, mesmo pelos dentes no ramo de uma árvore. Ao lado do nada, onde está o centro. Não há centro. Se há, está nas cinzas. Como o movimento rápido dos olhos que tudo move e tudo fixa, abolindo-se como acidente do corpo. Sem abrigo de si o corpo resiste na pedra. Resiste, sem repouso a golondrina repousa. Sou apenas aquele que lê o poema.

O poema no meio do caminho é uma música de pedras, que os pássaros criam e recriam inconscientes como se objetivassem aquele núcleo, o neutro, sem centro ou diáfano diâmetro. Sou aquele que lê a pedra: o signo hierático, aracnídeo, da vingança. As marcas de uma abordagem infinita, porque circular. Os passos na areia, um deserto de esperas. O branco que reluz à beira de um perigo, uma janela aberta, o trampolim: então, algo me distrai, não vem de lugar nenhum, é puro acontecer, um vôo nítido, fugaz. É apenas um pássaro — então, estou salvo.

Na sorte de encontrar o poema que não termina ainda, salvo — mas não inteiramente. Eu só posso dizer que não posso abolir o acaso sendo abolido por ele. Hóspede do poema, pergunto a todo instante o que é o poema. Polvo pendurado, tentáculos escorrendo. O lugar do poeta é em torno. Quanto mais se aproxima, menos chão tem para transpor o fosso entre ele e a manutenção. Mas transpõe, atento com os olhos de semáforo quebrado. (Quando os tentáculos do polvo se movem, cala o vento, não as páginas do livro. No nada sendo tudo, como um buraco na parede.)

A sede é martelá-la: abaixo, incólume, uma parede sem lume. No vento que perpassa a seca, as folhas caem, brancas. O acaso do ar. Em torno desse vácuo que se forma há uma música, musa, disposta a não ceder, como a parede. É quando os dias se tornam opacos como o tempo, como a gramatura da folha desidratada no chão de outono. Tenho a fome do leopardo. E com o pincel à luz da lua cheia, sob a sombra do bambu disposta na parede branca, tento apreender o tigre.

Tem sido assim a passagem na sombra da lâmpada. Por mais estreita a fissura como meus irmãos, os caranguejos, que preferem perder a garra do que a presa. Por um caosmo, para tropeçar na saliência da senda para sair de si, sem ter por onde ir. Ou cair de uma gota para saber que a vertigem da queda não é mais que um ato provisório, precoce, jusante. Então saio de mim, como caminhas, como te salvas, para saber aonde vou.

Só sei que ando para onde não alcanço. Esses mares. Dissolvem-se as pegadas e o ócio de dizê-las, puras, como gotas de água. As palavras cruas. Tropeço na vertigem, amanheço. Não volto a mim, pois estou longe. E a fome, aquela cuja garra me encaminha para o abismo, para o nada, me seduz com seus tentáculos. No dorso dessa espera eu afago o desejo. A asa de uma borboleta desenhada à mão. A falsa pegada do tigre feita humanamente. As areias que tudo escondem em seu movimento. A fissura que deixa o universo instável.

Ao sair de mim sei muito bem aonde vou. Margem extrema, desvão que não recua, corpo que não pertence a ele e nem ao espaço em torno. É como singrar por forças anárquicas

ou se deixar expirar no “arcano que algum louco desenhou”. Na margem do mundo, com a língua rente ao chão catando delícias que são fúrias. Na margem do mar sem margem. Na mallarmargem. Sim e sins. Como é bom tropeçar no desejo pelo preço de uma chaga que jamais sacia. Pelo desvelo de uma asa, como é bom remover de uma chaga o desejo que não cicatriza, para voltar a si sem estar em si. E levar o sul do sol como quem leva velas, como quem leva lumes, e contemplar tanta energia armazenada, sedenta, frente ao mar.

E nesse mar atar, pra lá do sul, as águas às areias. Esses desertos, as linhas que não vejo e suas letras dispersas. O quando é onde? Qual a próxima curva rumo a? No paralém da terceira margem, à, tudo são filmes a desenrolar, películas, guarás. São essas falas rubras que me agarram, à beira de, ou quase, nos olhos de Van Gogh: são essas folhas amarelas, oblíquas, em estado de não estar, aqui ou lá, , no dentro de meus passos, os desejos-lumes, o, o curso do sul levando velas, brancos — a falta.

O olhar de Van Gogh vai no vento de Arles. No maldito mistral sobre o abismo moderno, corvo agarrado no vôo da história, as velas sobre o chapéu para pintar à noite não só povoada de sombras. “Almenaras”, dizia, “quando a noite, onde a noite”, com o olhar dilatado pela imaginação e comprimido pelo medo. Na expansão luminosa da janela cujo batente não podia encaixá-la, que jamais poderia ser fechada, fazendo o quarto em profundidade habitada no golpe da pincelada como o raio que decepa a árvore mostrando suas fibras. A janela aberta para dentro e a viagem para fora. No lugar amarelo do cérebro, a orelha cortada nas mãos, a pintura redentora, seu oriente. O Bashô holandês no vento vem.

Em tempo, no gosto da noite estrelada, na fúria do acaso, na mesa repleta de sal, sul e absinto. E fora dele, na cor abissal da garça, o pelicano pleno de silêncio, a garganta prestes, a tela de uma abissal ausência estável: os brancos. E dentro dele, do pássaro que, de suas trevas, num quarto de hotel, exala a palavra , aquela que não é, e no centro de seu gozo escuro, rente à língua, ao corpo, ao vôo, um silêncio se elabora. E há o salto, o éter, atrás das luas que declinam do tempo, mas não escapam do círculo, como o corvo e seus poetas, da esfera translúcida que afaga e fere, como garra ou pluma, a pele do desejo. E

então, os ais, às vésperas, haicais de horas ásperas, quando a libido, pronta para o desenlace, arranha a garra do tigre.

*E exala da estrela o acaso outra vez. Na garganta do espinhoso da árvore, onde a andorinha desatina estações. Todos os silêncios são poucos para proclamar muitas vozes. Todos os brancos anseios do poeta-capitão são nada para o ab sinto. O desejo no corvo dos poetas é uma emergência da consciência. As certezas são provisórias e as incertezas certas. Os brancos da tela quem sabe são Lauras ou lírios. Lídias são loucas pela flexibilidade que desata luas e afagam a véspera da pele. Espero. Pêlos. Espérias. Nadjas, obtusas vias, máscaras, aldravas. A pancada do ar na pele, os pêlos flamantes, as águas frias na fibra do músculo — a espera é tesa, como o felino na iminência de. As premências. Tudo, então, se agarra ao oco, o ovo do nada, os dados em nós, algas. A música-prisma, a imagem embaralhada pelo obscuro, solidão, estrela. E na proa desse barco, álcool e fumaça, as pernas que riscam, já sem tinta, e imprimem o tempo em desalinho. Eu sei que me alimento de mim mesmo. Eu sei que sou o passado: as ruínas. E celebro a distância embriagando-me, martelo na mão, no centro das galerias, como um corvo sem asas. E algo sinuoso, oblíquo, que não se deixa apreender, como a luz refletida na neve e o sol que não se apaga, ou como a ave translúcida, volátil, que se inclina para o neutro *como intervalos de limites, pena por pena, para o tempo que o canto furta. Sem se cobrir com cinzas, se bem que cinzas cingem, punhado de horas, cidade na superfície do olho para a ignávia do lodo partido em suas cantárias. E o engenheiro sorrindo no vértice chorando. Quantas cidades habitam o primeiro dia da memória. Eu poderia farejar. Olho nas sombras familiares, cifras de centelhas. O tempo, enfim, domado. O tempo curvado na linguagem, assim como a folha, lábio de mercúrio, para escorrer o orvalho que volta à colina em forma de fonte naufragada levando os despojos da cidade. E as vozes das portas cegas, vigilantes, e às vezes a lembrança de um tempo que não começou ainda. Inconcluso espelho, onde, estilhaço, não me vejo, mas o mundo.**

As portas. O panóptico. E busco a esfera aberta, detrás da madeira, das vigas e dobradiças, dos nós, e encontro-a nua atirada sobre a relva, ilícita. Então, eu sonho. Eu sou aquela nudez estirada e um touro vem lamber minha pela à cata de morangos que rolam pelos

meus peitos e minhas coxas, vermelhos. Lábios. O eriçar dos pêlos me incita, me ex. A língua do touro, sua respiração sufocada. Busco o cristal da transparência, o nome da coisa, o gosto. Sinto minhas coxas abertas sobre o dorso do cavalo, da febre. Reúno os despojos dos espelhos e vibro, as palavras mudas, o corpo diáfano. A curva da coxa, a curva do dorso, a curva da palavra álibi, as vozes remotas. Busco essas águas, essas imagens, e não desperto mais.

Quem dorme no um vai pelas portas de marfim (enganosas) e pelas portas de chifre (anunciadoras). Quem vai pelos umbrais é o morador. Desperta a égua da noite, perseguido por pesadelos. Vaga no pretérito que é seu futuro-bisagra. Ele se inscreve na vontade cristalina, nó de verdade, com a panóplia. Como alguém que antecede, como alguém que ainda se lembra de seu tempo de humano e que procurou uma aderência, mas a um passo muito lento. E agora não mitiga. Retira a lasca da sobancelha, prolonga a espera se a treva não o oculta, desafia o não dito, engole a baga violeta, mastiga a aurora, devolve da mente os fantasmas. E se é visto sem levar o seu nome, são mares atados em sua sorte. Se a morte se aproxima, ele faz como os elefantes. Quem dorme no um é o sonâmbulo.

Dorme na dobra do tempo, espiralada esfera. Todos os sonhos o sonho. A pétala-fogo na noite enorme, límpida. As noivas que afligem, úmidas, na transparência que trinca. As indiferenças. E o poeta sabe que se detém, na esquina, entre a razão e o além, o muro e a seda, o xadrez e o tigre: rajadas. E o vento despedaça as folhas, amarela-as. As fibras. As três cores primárias são duas: o branco. Nada sobre o sonho desvelado na manhã tardia, nada na fonte insípida de lajes e de mármore, no limbo verdejante, nos flancos do dia. Por aí perpassa a garra, o tecido rasgado. E a fenda, o olhar, a coxa exalam lumes, como um filme. Então, a névoa clara da tarde se desfaz em paisagens lúdicas, voláteis, lentas. A noite desce. É a hora da ereção, do líquido, da espuma. É hora dos dentes, da égua transbordando-se em cavalo e ele em égua, pétala alternada, tigrada na textura cor-de-fogo do crepúsculo, quando o escuro inventa, com a perfeição da jóia, o fantasma da aurora: amanhecer em Tchetchelnik.

*Em noites brancas, ao norte, na Luz de Chuva. É um poeta que espreita Tchetchelnik, é um braço que não entra na luva e é uma torre que arde e é a amusante transfigurada em nuvem. As três cores primárias são unas: na hora do gole retardam a tarde. Pés apagam pegadas e piolhos não são afagados. É a nossa la nave. Quem poderia descerrar o serrote? Quem pode, gás em todos os pisos, ele em água e ela em guia. E va la nave em riste, líquida, na brancura do gelo e da nuvem, no gris da tarde desfazendo a tela em fibras ácidas, os passos. O crocodilo em ares não morde, mas expressa. O trem do gozo, fora dos trilhos, estrelas, lacas, lagos violentos. As sombras que as areias recolhem antes da queda. Luz de seca, música de águas. Na Ucrânia todo oeste é dúbio, às margens da fronteiras. Outras palavras. Na fome do frio, a gula se esclarece. E o branco da fala, o oco da madeira, o brilho do metal afirmam sua desordem — o barco depois do gole da tarde, a fumaça do charuto elaborando dobras, espirais de Leonardo e seus bigodes: o perseguidor, alguém que anda por aí, o *make me a mask*: poesia. Feita com trezentas e cinquenta goelas em duas: cacos de algodão, flocos de pedra aqui desterrados, no reflexo alucinado de um onírico gesto sem cair na gesticulação do grito, a não ser que ele, o gato. A poesia é feita em ravinas. Com o cílio no fundo de um copo, ares e quilhas, seios e sargaços. São tantos os apelos que é preciso fender o tempo e erguer o falo. Assim as falas se abrem.*

Os falas: eu sou trezentos e trezentas, confusos, na felinidade da tarde, na dança com cronópios, no xadrez de estrelas que vejo na minha mesa sem corvos, álgido no vento sul, na febre a bom bordo. São esses mares de textura afável, líquida, me acendendo o desejo de tudo, na esquina da noite. É esse cálice, antes de partir, que borbulha a chama pontiaguda da espera, à beira do fogo, na iminência. São tantos os pêlos, que é preciso fender apelos e abrir o tempo. Assim as falas se erguem. Assim a ereção se distrai no contratempo do dia, na reversão dos nomes, da mescla. Assim o que enrijece afaga, o que é tênue espeta, o que é sólido se esvai: as dobraduras, fora do dentro, nas curvas da estrada antes das curvas, depois: a paixão segundo R. T.

Rente à terra para o alto, sólido que se dissolve, cálice que não cala. A paixão num fósforo aceso na tempestade, a mesma paixão de A. C. na queda para o alto, forjadora de destinos, fagulha que se mistura ao solo, onde foi chama, agora chuva, na palmeira crescendo para

dentro do pó, um gato nos telhados “engolindo a vontade da Palavra”. Para aninhar os primeiros brilhos latinos como um ancião comendo folhas de beladona no instante que não passa. E o fogo na beira que evola e as famas no fastídio dos cronópios, sem esperança e sem medo. Sem que haja uma trégua, na torre com mãos, sem poder esquecer o que se originou antes e, depois, sem ter nascido ainda, farejador de felinas, feliz caçador, aguçada raiz, lunica raggione della mia allegria.

As máscaras na mesa, arrebatadas, como sobras da Galeria dos Ofícios e os que estão de fora, circulando no pó do tempo como nós circundamos o neutro, pálido, na imensidão do nada? Nas trilhas oxidadas, nos fios informes, sem nós. O dia da caça, da arma, da munição. As letras disparadas em círculo sobre a multidão, menos Nadja, não atingida. A dança no meio do tiroteio, o escárnio. O ar de Paris engarrafado e enviado à Enseada de Brito: o que fazer com o cristal já quebrado, a peça desfeita, a indiferença tornada ar que respiramos? “Sou mais aquilo que em mim não é.”

Cinzas são cristais.

Plumas estão demais.

No ar da Noiva Pendurada, láctea no que se leva num frasco. O ar de uma para todos, os ares eros. Osanos. De pariu para ensear. Prismas e tripas. Fluido de Motor Desejo em Tubos Capilares aos Celibatários que moem os seus grãos. Inflados e inflamados na operação circular, enquanto a Boneca Derretida se desnuda em gozo nos disparos que perfuram o vidro, cristais recolhidos em gotas, água fresca vertida nos Moldes alucinados por suas complexidades. Como os músicos de Bosch, torturados pelos seus próprios instrumentos. Depois dos salpicos aqueles que olham são olhados. Molhados Machos, coitados depois do coito mental. E as Testemunhas Oculares são como As Meninas de Velásquez: o reflexo de um reflexo.

E as nossas meninas, tão desperdiçadas por cada tarde de trabalho e transporte, dentro dos canais do tempo, de suas preocupações mesquinhas, das salas ou dos vestidos. E nós,

desmoldes desinflados, sem fluido ou gozo, desperdiçando sílabas, como aquele que as conta, detrás da janela entreaberta, na noite sem tigres. Nós, enfezados pelas coisas diante da alva textura, na iminência do aquém, no antes de algo, no ralo caminho para o após, encarniçados por múmias desatadas, no pó do pós. Nós, *celibataires, nous mêmes*, das coisas e das outras, de nós mesmos, estrangeiros na terra árida, tão perto, tão longe, como depósitos de sais insípidos. E como não deitar, diante desse quadro que é reflexo do reflexo, palavras na garrafa ao mar como algas enroscadas em si mesmas na verdura do diálogo, na vastidão oceânica em que falamos, naufragos, a alguém que não há, atrás da porta, beirando o silêncio estrelado, amarelado pela angústia, mas presente em sua ausência cítrica? Como não parar, como não falar nessas ondas curtas, quase nulas, diante do massacre da voz, no campo minado para pés e métrica, últimas viagens, *fin-de-siècle, fin de la poésie*? O que sobra senão esculturas de gelo, brancura que queima os olhos, água congelada na trincagem, na transparência quebrada, no agasalho da noite? Sou apenas aquele que alimenta o fogo.

Sou penas que queimam quando ela chega. Sou um pincel vivo enquanto ela está na tinta, volátil e lunática na carne, que é forte e vibra transitiva. E despertam os ancestrais, ferreiros pintores que violentaram o tempo-tempestade, para que fosse na posteridade. Uns, quase todos, no álcool, na cabra no alto do poste, peixe em sal grosso mergulhado no cogumelo, horizonte provável desde que arredonde para voltar ao ponto inicial e se perder. Nela todas as irmãs são dádivas do sul nórdico tingidas de raios negros. Sou um negro, claro, não sou o sol apaziguado. Sou um dia noturno, nítido, com a asa-paleta. Levo a hecatombe, o sacrifício de cem bois, contaminatios. Dialogia funda com a superfície do caule no começo do corpo, onde findo a mistura. Não sou eu apenas que alimenta a “chama molhada”. Há, nas coisas secretas, a sombra sem sombra de dúvida. Precede o ato de animar e polir. Às vezes a mente é um cadáver que precisa morrer outra vez. Tantas são as idas e vindas que é preciso conversar consigo mesmo e pensar no pensamento que se pensa. Com o fogo para ter sempre presente o que evola. E se esvai, envolta, na sombra do amigo na labareda. Na ardência insana da coragem. No limiar das luzes amarelas sobre a paleta-pena, sem plumas. No dorso da mão intacta contra o mesmo, contra o hipócrita, nós cínicos. Com a chama do candeeiro sobre o breu medíocre, mas o vento é forte e a chuva

densa. Sobre a cama desfeita pela flâmula carnuda, láctea, esfera lúbrica. Na seqüência da língua, na ponta que se queima com pressa, na crueza das febres, na solidão do corpo. E há o sonho de uma elipse ágil na voragem da noite. Há a vertigem enigmática das horas sobre as coxas, os lençóis. Há o gesto acre de algo líquido e a intempérie chegando. E há o pensamento deslizando em queda, em riste, na potência frágil da razão, da força do brio, quebrando o cristal e a forma da verdade. Essas chamas me pertencem, as do sonho e do desejo: mas nada disso importa: sou apenas aquele que escreve o poema. *E se inscreve no lado menos visitado do cérebro, na queima longa da pressa. Na fuga da chegada, que parte outra vez, e sempre, na armadilha. Aprendizes que devoram nuvens que não passam sem deixar concretas caras lançadas nos arrecifes. Os seus nomes são fomes, repartidos na cor da verdade. Os lobos atrás da porta farejam o lobo, teleologias caninas. Solidões físicas e mentais: Cézanne, Vincent, Gauguin, Lautrec... Não é preciso saber mais do que um cigano sabe: onde um cão senta, violentas sortes, onde se pergunta ao pó, onde o fim do século inicia poetas. Ainda veremos o poeta. E como tudo é pergunta, como. Pergunto o que falta ao mar, o que venho fazer nessa praia distante, em profunda meditação como os grous ou alguma colunata de Ezra, o fermento de cada desvão e é antropofagia, dança flamenca com a infanta Margarita e suas damas. E como Margarita e suas damas num jardim das delícias, e como os lobos e as lobas, e como suas pegadas. E como as vacas profanas e sagradas, e inscrevo assim minha palavra de estrangeiro. O desejares. E na cartografia lírica, no grão da vasta areia, no desvão do mar, me entrego à dança, ao líquido, à maré. Me empenho num lugar abissal, na queda, no carregar da pedra. Abro as paredes do silêncio e, do outro lado, nas paredes cinzas, nuas, azuladas, na textura árida do cômodo vazio, no oco, encontro o eco destas vozes isoladas no tempo, mas disposta ao embate: um navegar Rimbaud. É assim que olho os mapas e os navios, sem bússolas, à deriva como um corpo que cai, na queda para o alto, na distância máxima, velocidade zero, rumo à fome. Eu como o homem, canibal convicto. E como cru, antropodança cínica como requerem os maus tempos. Então, resta o cinema, o filme mudo, essa película que nos encosta no tempo: martelo e formão na mão, busco a imagem. *Que me encontra enquanto me alço sob a contenda. Antes avanço para frente, para trás, para todos os lados e não é mais o fio da calçada, mas o fio do prumo, a quilha bêbada para as cores das vogais, para a lágrima da infanta, seu rosto de fonte, o dedo maduro, Artaud em Arthur Rimbaud. Mão na forma,**

Ernani Rosas baixando em mim. Então, recupero o tempo esgotado que me encosta num perfil peregrino. Então, busco a miragem.

“Agora o verão se foi, e poderia nunca ter vindo. No sol está quente. Mas tem de haver mais. Tudo aconteceu, tudo caiu em minhas mãos como uma folha de cinco pontas. Mas tem de haver mais. Nada de mau se perdeu, nada de bom foi em vão, uma luz clara ilumina tudo. Mas tem de haver mais. A vida me recolheu à segurança de suas asas, minha sorte nunca falhou. Mas tem de haver mais. Nem uma folha queimada, nem um graveto partido, claro como o vidro é o dia. Mas tem de haver mais”*.

Sempre mais no raio que dá sede, na fenda do sol na montanha. Folhas são para secar como a beleza de Rossy de Palma, love anos da atriz, com um olho muito aberto em outra direção. Gravetos são para partir no sopro que se colhe no sopro, no puramente presente sem olhar os destroços. Cansei de ser eterno, agora serei moderno. Vou chutar no meio da pedra para bifurcar o caminho: “Eu só tenho um terno e uma idade”. De solo em solo apanhado pelo desejo, argamassala. Se escrever fosse atravessar um campo! Viver não é atravessar um campo. “O elefante se deixa acariciar, o piolho não”. É hora de traduzir nec spe nec metu, no muro desterrado, gravado no punhal desdentado, na massalagem que no sul me ilha. “Mãe, nunca mais voltarei ao teu lar, o mar me devora.”

O jardim dos sendeiros que me bifurcam, R. e eu. Não há como escapar dessa trama, das trilhas destroçadas sobre nós, do pó. Seja marginal: seja institucional. Só se o campo for amarelo, signar gráfico, japonês, na iminência do adeus, na rosa púrpura do deserto, Rio Tavares, Texas. “O real não está nem no início, nem no fim: ele se dispõe pra gente no meio da travessia”. Na terceira margem, na massa, na cor negra, no sul do Sul. O desterro arrebatado. Os laços abertos. A liça da língua.

Lançada no templo da poesia, Dante Alighiudo na iminência do som do mundo — do báculo e do bardo: “Pena que ninguém aprendesse nada com eles”. Mississipi Massala, Paris Texas, J. e R. em cogitos do amassalador. Na volúpia do vocábulo, em temperos assassinos, na secura terna, no jardim que bifurca medusas. Na extremidade da corda com

o espelho da coruja, com o motor do corpo, como dizia Lygia. Com o motor do pensamento, digo eu, girafa de duas cabeças, trinta e três disparos sem respirar. A vida inteira conversando com o coveiro. Diga trinta e três, ele dizia sem expirar. Trinta e quatro, trinta e quatro, trinta e quatro. Res piro. A aura caindo no macadame, anjo nas ruínas que se acumulam, ciscar da ave de rapina, na carta escrita como quem vai para uma ilha sem geografia, empurrando o limite em Lícia, seu olho azul, cabelos de prata, bebo a noite da manhã cavando no ar e moro no ar, escrevo e escrevo e bebo o mestre, tingido de aura no mestre da aurora no olho cinza de Lúcia, cabelos de ouro, sonho e brinco e dobro o guia nos olhos verdes de Lícia, nos olhos negros de Lúcia.

A aura que sinto, ab, no limiar da sede: holografia. Tudo é uma película: esculpimos o tempo, guias, na busca do nada. Como inúteis, viramos o tempo do avesso, dobra, para nunca mais. Brincamos com as ruínas do futuro. Vencemos o derrotado, comemos o deglutido. E nessa esteira sobre a areia, pontiaguda, avaliamos as perdas. Pérfidas, as máscaras disparam. Olhos de Medusa. Não há como escapar de Malpertuis. Mas há o branco do branco à espera da fustigada imagem, do punhal. Há o que não se completa, o que é total na falta, imenso na ausência, sólido em sua transparência vaporosa: a sombra de um grilo noturno. A gula pela noite, a saliva ansiosa, os caninos preparados. Imperam uivos. E rente ao coveiro despedido, na aura da fome, lúcido como um gato, eu mordo: eu sou aquela.

Eu, naquela, encontro a fuligem na panela de barro. Redimido com os cínicos acesos, com a voragem, o arco da reta, o verso do reverso. No vapor da covas no uivo. Ab: abençoado, So: obscuro, Lu: homem, M: refletido. No labirinto mental, achando uma pedra, comendo uma batata. Nas contrapartes de Shem, shi'yun, na luz sólida, no meteoro precoce, nu descendo uma escada. Na agulha da gula, na saliva do contorno. Louco como um lúcido no avesso do carvão da rosa, sob o vulcão, no mar de Marisa. Em sua íntima canoa, quase um golfo persa, uma judia salgada, as cavidades repartidas, o fermento do firmamento. Imagem que não precisa de uma presença: sendo muitas. E muitos duelos consigo mesmo, com ela sem reservas, mel de lua, pisar leve, fervor saturniano. E os persuasores ocultos, meus e da raça: iniciado em K. e distribuído em D. se asas batem em Tóquio, se chuvas

caem em Letícia. Agora, no bambu retesado, ao rever Lugar do Pintor, Ocidental, Mestre, Introvisão, Heráclito e Husserl, Ah Cabral, Paciência, Natureza Moderna, Camuflagem — todos à pintura além da pintura.

A letra além da letra: o exercício do suicídio: os ismos no lixo: a adega repleta de afazeres: camuflagens do pintor ocidental: as letras pintadas. As coisas não cabem no cavalete, cabem. Elas não sustentam a página, aqui ou em Tóquio. Mas na calada do dia, na carga do navio, imersa, na infinitude das águas, ávida, a palavra trabalha: são dorsos arcados pelo desejo de, à espreita. São sabores atirados à gula, na espera, rondando o neutro, aquilo que não é, as manchas. E na textura da noite, no emblema da chama escura, na febre da flâmula rubra, são como a cor acesa, volumosa, inteira, lançada do pincel carregado de luz à brancura voraz do tecido, à pele da tela, quando as coisas em sua ausência se detêm, e o mundo, por um instante, pára.

Para não sucumbir ao caos a paleta do pintor não soçobra. Vibra na ronda noturna, refaz a história, acumula a idade da veladura. Quando o homem oscila, sussurra. Mínimas são máximas onde o núcleo é dialogia. Enquanto não sussurra, soçobra. Enquanto a palavra é farmacôm: não gasta a voracidade do lápis. Na tela da pele um farol e o broquel atravessa a praça atravessada pelo amigo da lamparina. Fuga é fogo, parede é porta. Águas árduas podem naufragar: o naufrágio é uma curva ao redor da praia. Não deixaremos como está. A pedra foi lançada como se lançar fosse nada. Lembras como a sobrançelha acampá vespas? A bicicleta de seu passageiro sem medo do sol, mestre da morte, cúmplice do pincel trepando o cavalete, os olhos arrancados da órbita terrestre, na aurora boreal. No pó da poesia, no extremo do começo, quando se reúne em torno do vidro mais claro o segredo do diamante.

O diamante opaco, o dia. O lapidar que gesticula a vida no limiar do bote. A fome que intercala o gosto no meio das trevas. A saliva buscando a língua, a sede do desejo em órbita, as luas ocultas por detrás de suas mãos concisas. Tudo foi lançado, exausto, até que as frases digam ao vento e à poeira o seu desígnio, o arcar do fôlego perturbado pelo outro, a outra, a chama fugaz crepitando, a voz que gagueja e não consegue, lúcida, articular

palavra: é uma paixão que bate em mim, e eu oscilo como um peixe, fora, dentro, na margem, no miolo da espera trêmula.

Na porta que bate em mim, lívida, e a pulga de Donne. Que venham os Campos traduzidos em sânscrito: caleidoscópios, aporias. Nem todos sabem sobre o bolor do pão. Nave nenhuma, ave alguma. Na calada do cérebro, no córtex da cara vela. O que me presente ninguém pode descendentar. Alguém pode tornar visível a mão que bate na tempestade de duas mãos dobradiças. O fôlego do poema é a morte do poeta. O fôlego alado, a vida breve no dentro do instante, a dança repleta de fagulhas ávidas. Eu, sim, pressinto o crime, a granada-libido dentro da mão que escolhe as sílabas, no frêmito. Eu pressinto a tempestade sobre o fogo e a névoa úmida, mas sempre há aves que escapam, enxutas, numa palavra fugaz. Tudo dança agora em mim, como se o vento da maré percebesse o seu aceno e depositasse em meu corpo sua rebeldia. Tudo é móvel e levita, como a feiticeira e seu parceiro, na noite onde toda a probabilidade vinga. E no sabor dessa lua, desse conhaque e seu repertório diabólico, já me vejo no centro da coreografia. Eu prezo as bailarinas.

Eu não desprezo o cheiro das bailarinas. Prezo a animalidade terna no meio da saliva. Eu conto as suas lágrimas. Com a carne da língua eu rezo para as bailarinas. Eu só penso em Deus quando não penso nelas. Eu só penso em nelas, leves, lúdicas. As suas línguas também dançam em mim, sem lida, pelo dorso da pele, no limite. Eu conto os poros. O perfume debaixo dos pêlos, o sabor debaixo da língua, das letras. E no fundo do desejo, no lastro doce da vagina translúcida para a língua lenta, há a brancura ampla do silêncio e do gozo, no centro da palavra leme: a arte e suas luzes. Esotéricas, exotéricas, entre os dedos firmamento de cúpulas, afiadas, o desafio de tirar o mundo de letra: galáxias, cúspide de invenções, cuspe de alentos: no barro redimido, que não sossega e é antes de ser o instante imantado. Na linguagem que finge, perseguindo, sendo perseguido por Ptix, no Stix.

Asfíxia por sol, silêncio e brancura. Então, vejo a miragem: o vento sul rangendo o mastro e sua percussão metálica, o cinza abarcando o mar e névoa entre albatrozes e frio, e o que resta é uma taça de vinho e um lápis: a noite e sua luminária mar adentro. Eu canso porque escrevo com o corpo.

Na hora do, as palavras massalam.

Amassalam, à espreita no, em limiares do quando:

Na asa sem ave no prazer do texto que redime o corpo cansado. O corpo cansa mas alcança a extremidade da corda. E o mistério é que haja casulo e crisálida. Até o vento se diz nas folhas que inquieta. No limite que não cede o corpo sonha o limite disposto a ceder. E apanha no onírico a costela exangue e repete — corvo de Poe — não chute, não chute, é a costela de Orfeu.

O mistério é que haja: asas: que haja o mistério, o que não se alcança no enigma, no prazer da prosa. Às vezes os espelhos se quebram — Nosferatu passa despercebido. Despidos observamos os ruídos, são as asas que partem como os espelhos, são os sonhos diurnos que circulam, esféricos no instante necessário, na praia deserta, no exorcismo do verbo: tudo o mais se espanta, *tertium datur*. *Solarium iniciando a ilha, Schlucht petrificado, Nacht para acalmar a fúria que me afunda, feliz naufrágio na linha do Equador, Atlântico que me nada entre Câncer e Capricórnio a unidade dos contrários vendo aquele que vigia: Paris Paribus na vontade cristalina e o talismã: Licht: AN DEN KNABEN ELIS* quando el mirlo clame en el oscuro bosque. *Quando for o teu ocaso, quando tu frente sangue silenciosamente sibila beberás o enigma, la frescura del manantial azul, colmada, Elis, Wenn die Amsel im schwarzen Wald ruft, dieses ist dein Unterlang. Deine Lippen trinken die Kühle des blauen Felsenquells.*

Então, as aparências não só enganam como confundem, na mascarada de Haro, na sedução inconclusa do tempo noturno, no desenho da fronteira, pátio do impossível, guarda do inenarrável. São dunas úmidas, nuas, na lava afável do fogo, no espelho das águas revividas, na gaivota rumo ao seu destino casual: as tardes. Rastros do outro, trilhas, telas por onde veremos o limite exposto ao desejo e à linguagem. A voragem desta língua contra a escassez de tudo. A vertigem deste tempo, parálem, na curva da ausência inteira, nítida, detrás dos véus dos dias e das falas. Eu sou aquele que beija o desconhecido.

Para ser o discípulo da linguagem com a cara sem máscaras para que o coração não apavore. Com o pavio da viagem nas lajes e nos longes sou aquele que a palavra inventa. São as inclinações do corpo que unem os gestos exatos e vagos. É o desconhecido: eu me tiro da ponta do pincel e o invisível me atira no visível. Sou a tinta que se pensa em mim. É um vínculo de observações, um passeio ao longo do caniço, o trevo dobrado em quatro: Kasane. No ábaco da transcendência, nas exasperação da brasa. O coração se apavora é nessa perda, nas cinzas das horas, na libertinagem sem companhia, no vértice da solidão alada exposta às intempéries. Só na palavra o gesto se articula. A mão que falta se intui, perdida, no aquecer dos dedos, nos rabiscos. Eu sei que o desejo não tem como. Eu sei que o coração recebe a bofetada. Eu jogo as máscaras ao fogo, mas só o que queima são folhas de papel. O que me queima são papéis escritos quando os avelórios evocam o poeta com a gaiola na cabeça e os sons ao lado, moscas sob o teto azul, promessas que serão cumpridas quando o dia resvalar na noite. Quando a noite, onde a noite: os passos esfumaçados na sombra cinza da lua cheia sobre os grãos da areia da praia. O sono dos siris. Os gaviões despertos. A coruja e sua investigação calada. Em meio às trevas, todo coração é ilha e não há fochos de luz. O que me resta senão partir, na translúcida passagem para fora do tempo, no cinema falso, num fotograma fictício de uma imagem nova? O que me resta senão agora dar meu sonho à massalagem, djavanear até que parte de mim se recupere para o vôo sobre o abismo?

Sob o abismo: entreolhandoavidanovazio.

E todo o instante jogado sobre o cais, à espera do inconcluso.

Não muito distante do infuso com o pensar em giros arredondando para se encontrar.

No âmago da concha encontrada num canto de um quarto sob a cadeira de palha de um pintor, na amarelada espera. Feras, na violência do gesto disposto a não compor os dias: fissuras, cortes, a audição em pane, mas todas as cores incorporam as estrelas da noite, a

constelação do bar diluído em sílabas, notas, na iminência do acaso: o poeta é aquele que arredonda o caos.

O poeta é aquele que está no nada, em que, virentes, estão todas as coisas. O poeta é a coisa vidente, sol no bolso da aurora, pena suspensa enquanto risca a linha que não lhe limita. O poeta é uma gaiola sem porta e a porta é, sempre é, o lugar do poeta. A gaiola sem porta o pássaro não abandona. O nome de seu vôo é RAM, destinado. Poeta é aquele que bate na cara do caos. O poeta se curva para colher o que não nasce evidente. O poeta diz pouco porque não quer dizer tudo. O poeta não diz nada. O óvulo do tempo não floresce na palavra. Todo deserto é vasto. A terceira margem do rio. A margem que não há. A frase é vasta de sentido. O poeta é aquele que cala. Na curva do enigma. Nem tudo existe como o vôo projetado na sombra da garça. Nem tudo recupera a força do olhar quebrado sobre o espelho ávido. O oceano não tem fim: os infinitos. O rastro do verso sobre a lenha acesa. A marca das garras do tigre na madeira crua. O poeta traça no ar o grito imaginário. E sua palavra inteira reverbera na pele cinza do golfinho.

O poeta pode ser porque não é. O poeta não trabalha: tira ouro do nariz. Asnos preferem palha e palha fogo. O poeta é o guardião da chama, na tempestade iminente. Ele trabalha no inútil: a pedra que, transformada, permanece eternamente pedra. O poeta, como aquele que dirige a imagem, esculpe o tempo. Na parede intacta está a possibilidade. A poesia é o martelo. Áspero omonite. O poeta cala para não ficar calado. O poeta não evita raios que o partam. Quem disse a primeira palavra de Massala não dirá a última. A poesia é a boca do tabaco, chama do guardião, amiga do amigo. O amigo sem dono, na esteira do sonho sempre adiado no amanhã que não acaba. O amigo da palavra vidro, âmago, mergulho. O poeta nunca é: está, estava, e agora diante da criação do outro, no quase diálogo, na sede da palavra que se lança e reverbera, está pronto para a centelha, o lume fugaz como o dorso do golfinho, que volta a ser oceano: o poeta mora no deserto.

O poeta é o deserto povoado pelo não visto, da ponta metálica arranca o escrito que será dito sugestão do eco. O poeta para ser deserto precisa dizer montanhas rochosas, golfo do golfinho. O poeta não é outro eu, é eu louco.

O poeta é um outro outro: o pintor. Por isso as coisas são assim: o rosto da ausência esfriada pelo vento, a pele da memória fatigada, o ar do coração envolto com presença da nuvem chumbo. A parede é a mesma: nem texto ou tela fogem da queda da estrela, do pó e do silêncio. Por isso as coisas assim: no vácuo do delírio sem Rimbaud, sem Dylan Thomas, sem vício: por isso o desvio da virtude, a curva aberta para o céu sem adereços, a miséria incrustada no tempo. As coisas: pétalas envelhecidas pela ação das mãos, sob a ferrugem dos dias assim, como todos os acenos falsos: todos caem. O poeta lava as mãos na fonte antes de tocar o âmago: o poeta se suja de tinta.

No âmago do toque o poeta se lava e deixa o poeta beber a proteção da água ocupada pela pétala. Assim ele suja. A coisa do poeta é a queda sem cair. Seu bico de prata, o poeta é aquele que espirra possibilidades. Seus nomes podem ser ditos: fagulha, sargaço, sevilha, almenara. No seu desilha Olga é uma alga. Quando se encontra a pedra e o poeta. A pedra e o poeta, a pedra é o poeta, a pedra e o poeta, a pedra é o poeta, a pedra e o poeta, a pedra é o poeta, a pedra e o poeta, a pedra é o poeta, a pedra e o poeta, a pedra é o poeta, a pedra e o poeta, a pedra é o poeta, a pedra e o poeta, a pedra é o poeta. Um colar, uma cola: um dedo e um dado: um poeta na pedra: pêndulo e ponte. Atalhos: enquanto o poeta não vem, as palavras latinas vigiam: vadiam: vibram: o cristal estilhaça é na palavra: o verbo ensandecido pelo fogo: a marca do tigre: a estrela fugaz que despenca do firmamento: toda poesia tem um fermento: poeta é aquele que amassa. E amassala, fornalha no ponto. Quando o oleiro não chega ao ponto do poeta ele bate na massa. Na pedra. Na pétala. Na alga. Na prata. Na água. Na tinta. No chumbo. Na pele. No rosto. No golfo. No outro. No vidro. No dono. Poesia é o que esbofeteia.

Poesia ex, poesia ad, in, des, pro, contra, intra, trans. Poesia pós.

O pós da poesia não é póstumo. É pré. Pontiaguda. Phaísca. Psique. Staccato. Ataque. Vértebra: massa sem ossos: a palavra massa. Avra. Ata. O poeta perdeu a aura. Ver Baudelaire: o poético no histórico. Na fibra (ótica) da perda: pala: gosto: timbre: o breu da grou. O rubro. A armadilha: toda poesia é. PER DURA.

* Poema de Arseni Tarkovski, pai do cineasta Andrei Tarkovski, citado no livro deste último intitulado *Esculpir o tempo* (São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.229. Tradução de Luís Carlos Borges.)